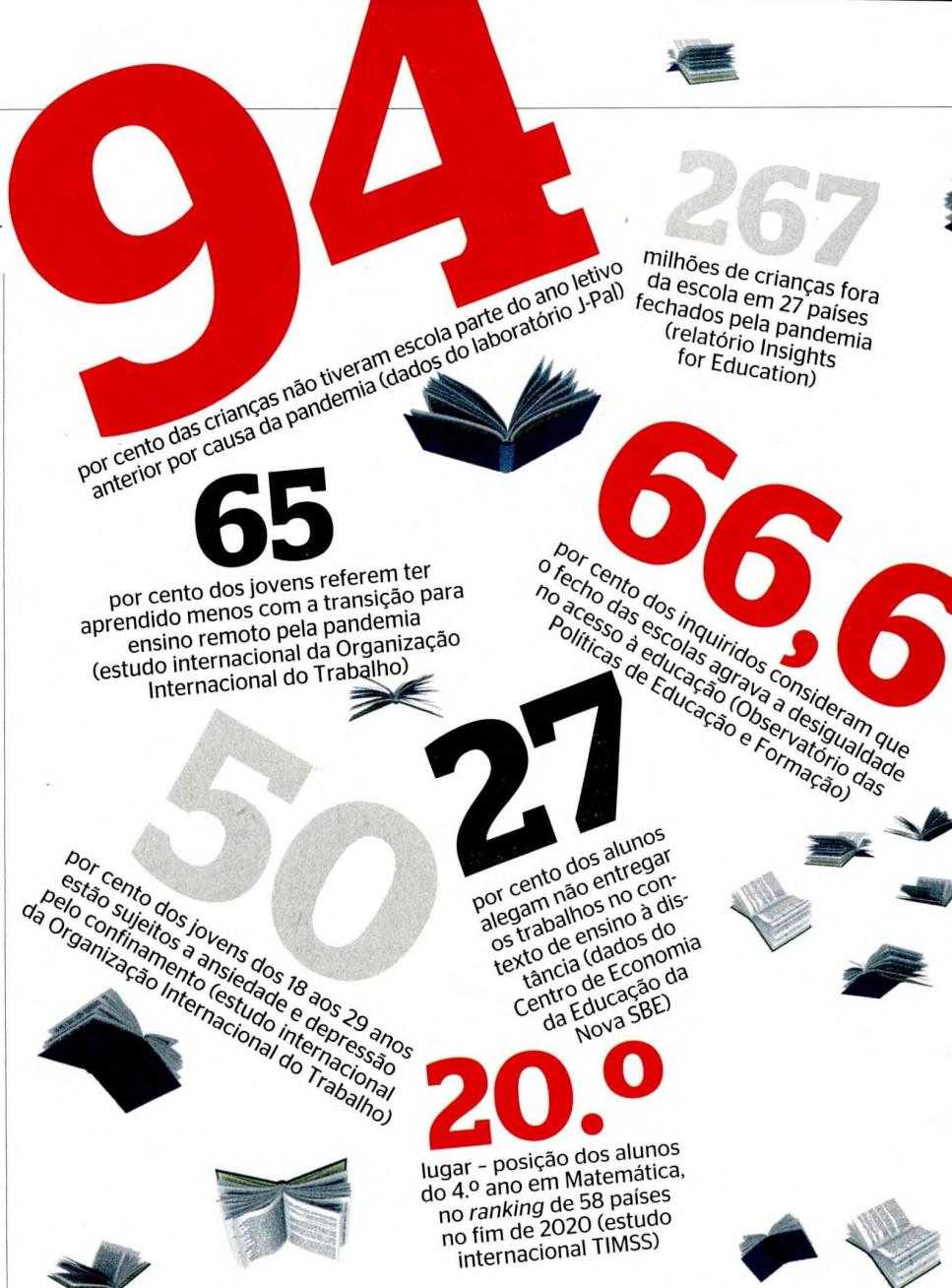


A escola digital está de volta – prevê-se que a 8 de fevereiro, após a suspensão das aulas presenciais por causa da pandemia –, e com ela paira uma nuvem negra de números. Vejamos novos: 80% dos professores portugueses do ensino pré-escolar ao secundário indicam como principal desvantagem a falta de interação com os alunos; e 61% não adquiriram formação específica para darem aulas neste modelo. Pioram a transmissão e o acompanhamento dos conteúdos escolares (47%), os problemas a conciliar as aulas à distância com outros trabalhos docentes (33,9%), e a gestão da vida familiar (18,2%). Os alunos reportam-lhes dados preocupantes, sejam nas dificuldades de acesso aos computadores e *tablets* (183 respostas); no manuseamento de aplicações e plataformas (153); na compreensão dos conteúdos (103) e nos níveis de motivação (93). Ainda que residual, há batota de pais e encarregados de educação quando fazem os trabalhos dos miúdos porque subestimam as suas capacidades, segundo um inquirido (representante de um grupo de professores de uma escola).

De acordo com parte da amostra, 1.857 professores com alunos dos 5 aos 18 anos, o sistema implementado à pressa pela crise sanitária evidencia falhas. E muitas. Por isso, as informações acima descritas, dados preliminares do inquérito *online* realizado pelo Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova, e que a **SÁBADO** publica em primeira mão, serão remetidos aos participantes – 33 agrupamentos de escolas de nove municípios de norte a sul do País. “Somos uma espécie de parceiros, tentamos arranjar ferramentas de apoio às direções das escolas. Como seria de esperar, o ensino à distância não chegou a todos, mas face às circunstâncias foi um primeiro passo”, explica à **SÁBADO** a socióloga Liliana Pascueiro, coordenadora executiva do estudo.

Não terá ajudado a falta de preparação de um terço dos inquiri-



ESTUDOS. ALERTAS SOBRE AS DESIGUALDADES DE ACESSO À APRENDIZAGEM

NÚMEROS NEGROS DAS AULAS ONLINE

Com o encerramento das escolas volta o ensino à distância – e as falhas. Académicos avançam estatísticas à **SÁBADO** sobre os impactos para professores e alunos. Por **Raquel Lito**



dos, “alguns nunca tinham ouvido falar de Teams ou de funcionalidades Classroom da Microsoft”, prossegue a investigadora. E, na falta de material – entenda-se de computadores portáteis ou

fixos –, também houve professores (49 respostas) a acompanhem os alunos através do próprio *smartphone*, “via WhatsApp ou por chamadas normais, porque o problema era não terem sinal de Internet”. Outra falha: o *upgrade* tecnológico por conta dos docentes, ou seja, 39% adquiriu equipamento a título pessoal. Caso de Luís Matias, 50 anos, professor de Matemática no agrupamento de escolas D. João V, Amadora, e um dos inquiridos para este relatório. “Encomendei a mesa digitalizadora em março, escrevo no PC como se fosse um quadro branco e todos os alunos veem”, diz à **SÁBADO**. Os alunos aderiram, embora alguns tivessem dificuldade de acesso à Internet. Solução? “Podiam pedir ao agrupamento e à câmara uma placa de banda larga”, responde.

A mulher de Luís Matias, Paula Vivas, também colega (leciona a mesma disciplina, no mesmo agrupamento), acrescenta que os alunos do ensino profissional manifestam mais dificuldades na aprendizagem *online*: “Não têm tão boas bases. Via pelas caras deles, mas não apresentavam dúvidas” – tinham vergonha.

“Não quero voltar ao online”

“As minhas maiores preocupações são os testes e a pandemia, porque não quero voltar a ter aulas *online*.” Resposta de um aluno do 8º ano, entre os 600 inquiridos de sete escolas do Grande Porto (do segundo ciclo ao secundário), entre setembro e novembro de 2020. Outro, do 6º ano, reforça o medo “de voltar a ter aulas em casa”. Do 10º ano, um deles refere que a “agitação” decorrente da pandemia (professores em isolamento a dar aulas por videoconferência) pode restringir o futuro.

Em comum têm o fato de perspetivarem o confinamento como prisão doméstica. O regresso à escola era, à época do estudo, encarado de “for-

1.200.000

Utilizadores da Escola Virtual, no fim do ano letivo passado. A plataforma foi lançada em 2005 pela Porto Editora



Leitura

Fica comprometida, alertam estudos. Há crianças de 10 anos que não conseguem ler um texto, mesmo simples

**O VAIVÉM
DE AULAS
PRESENCIAIS
VERSUS À
DISTÂNCIA
PERTURBOU
OS ALUNOS
EM TERMOS
EMOCIONAIS**

ma positiva, solar, até alegre”, conta à **SÁBADO** José Matias Alves, docente da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica, que está na fase de tratamento dos dados. Confirma-se que o vaivém de aulas presenciais *versus* à distância “os perturbou em termos emocionais e de aprendizagem, que foi mais pobre”, explica o investigador. Muitos deles estavam sós em casa, em contextos sociais heterogêneos. O estudo será publicado em breve, numa revista científica no âmbito das ciências da educação.

A fatura a pagar virá mais tarde, no acesso ao ensino superior ou depois ao mercado de trabalho. Para quem já lá está, por exemplo os doutorandos de José Morgado, 65 anos, investigador e docente do departamento de Psicologia da Educação do ISPA – Instituto Universitário, há que se adaptar ao re-

gime atípico. Por vezes até antipedagógico, conforme o professor admite à **SÁBADO** por ter dado aulas pela plataforma Zoom à turma de 10 das 18h às 22h com um intervalo de 15 minutos pelo meio. Mas não os inundou de *slides*, bastaram quatro sobre os ajustamentos no universo da educação: “A próxima aula será a 5 de fevereiro, com o mesmo grupo de alunos”, adianta. Até lá fica atento às estatísticas e às crónicas dos colegas, nomeadamente da professora de Economia da Nova SBE Susana Peralta, que escreve no *Público*. A 15 de janeiro, uma semana antes de o Governo decretar o inevitável fecho das escolas, a autora enaltecia as escolas abertas serem tão importantes como o funcionamento dos hospitais. Mas, pelo meio, falava do tombo económico através de um estudo da OCDE publicado em se-



▣ tembro passado (*The Economic Impact of Learning Losses*, o impacto económico das perdas de aprendizagem, em tradução livre). O encerramento das escolas afetará o rendimento futuro deles em 3%. Mais perdas: redução de 1,5% do PIB acumulada até 2100. Nada será como dantes: no novo normal, a pandemia arrasta a pobreza educativa, um de inúmeros alertas.

Reações à telescola

Relatos que vão ao encontro de outro estudo, feito na mesma altura pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa: 14% dos 900 alunos do agrupamento de escolas D. António de Ataíde (Castanheira do Ribatejo) teve dificuldade em se adaptar à plataforma digital; 13% disseram que o equipamento informático era insuficiente para as tarefas. Mas a larga maioria (95%) valorizou o apoio dos professores. “Demonstra a importância da constituição de redes de trabalho conjunto entre investigadores/universidades e escolas no âmbito do Plano de Ação Digital”, contextualizam à **SÁBADO** as autoras Estela Costa e Mónica Baptista.

A par deste trabalho, prestes a ser publicado por uma sumidade da Universidade de Harvard (Fernando Reimers, de Políticas Educacionais), as duas académicas portuguesas aferiram desigualdades na aprendizagem. Onde? No epicentro, as escolas dos territórios educativos de intervenção prioritária (entre Alentejo, Lisboa e Vale do Tejo, Centro Norte). Ainda a fazerem tratamento de dados, avançam à **SÁBADO** que as entrevistas a 20 professores/coordenadores e 10 diretores de escolas permitem concluir que “nem todos os alunos beneficiam de infraestruturas, em suas casas, que lhes permitam comparecer no ensino à distância”. O remendo passou pelo célebre #Estu-

do em Casa/Telescola, da RTP Memória. Mas foi entendido de modo diverso pelos estudantes: desde ignorado; até visto como componente do trabalho remoto, “constituindo, nestes casos, uma ferramenta de combate às desigualdades sociais e um suporte para a atividade docente”.

Para reduzir o fosso, há entre os 1.754 pais/encarregados de educação de outra amostragem quem valorize a telescola. Encaram-na como útil para os que não têm computador ou Internet em casa (48,1%), ou importante apoio para a maioria dos

Tédio e ansiedade

Reações dos universitários preocupados com o futuro

Vários estudos apontam para o impacto emocional do confinamento e do estudo em casa. Numa subamostra, 23 **alunos de mestrado e doutoramento** foram ao encontro desta tendência. O catedrático Paulo Ferrinho escreveu num artigo científico que eles manifestam tédio, ansiedade e preocupação com o futuro.



◉ Lílana Pascueiro adianta à **SÁBADO** os resultados preliminares sobre os constrangimentos do ensino à distância

26% de crianças

de classes mais desfavorecidas, no Reino Unido, conseguem manter o ritmo escolar dos colegas de classe média em confinamento

O FOSSE ENTRE OS ALUNOS DE CLASSES MAIS OU MENOS DESFAVORECIDAS “AGRAVAR-SE-Á, SEM DÚVIDA”

◉ Estela Costa (à esq.) e Mónica Baptista desenvolvem estudos no âmbito do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

alunos (35,9%). Dados do Observatório das Políticas de Educação, referentes ao início de maio passado, e que levam o coautor Paulo Peixoto (do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) a antever à **SÁBADO** mais e mais desigualdade: “Agravará, sem dúvida. O encerramento das escolas deixa, de um lado, os alunos que, em casa, reúnem condições para dar continuidade e para reforçar as aprendizagens e, de outro lado, os alunos que não reúnem essas condições.” São elas a disponibilidade e as competências dos pais para orientarem; o acesso a explicações *online* ou presenciais; o ambiente doméstico adequado ao estudo.

Às escolas faltam infraestruturas — salas adaptadas, computadores, câmaras, quadros, rede de Internet — adaptadas ao ensino não presencial, aponta Paulo Peixoto. “Não se apostou na formação dos docentes e dos alunos para que o ensino não presencial possa ser algo mais que um expediente temporário de substituição do ensino presencial.

São cerca de 15% os alunos sem computador com Internet em casa, de acordo com a segunda ronda do inquérito a educadores e professores do ensino básico e secundário (2.647 respostas recolhidas entre 5 e 19 de maio pelo Centro de Economia da Educação da Nova SBE). Mais: numa escala de um a sete, a capacidade de apreensão da matéria nas escolas por videoconferência fica-se pela média de 4,5.

Resultados que deixam a coordenadora do inquérito, Ana Balcão Reis, apreensiva com os danos cumulativos. Isto é, famílias com vários filhos sem espaço nem meios para que várias crianças tenham ensino à distância em simultâneo. Quem paga a fatura são os alunos mais novos, frisa à **SÁBADO**, “cujos processos iniciais de aprendizagem de leitura e matemática voltam a ser parcialmente interrompidos, com danos que podem perdurar ao longo das suas vidas”. Igualmente prejudicados são os “alunos de meios socioeconómicos mais frágeis, aqueles que mostram maiores danos na aprendizagem durante o primeiro confinamento”. ▣